



## “PARA FAZÊ-LAS EXISTIR, VIVER E SER”: A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO LIVRO DIDÁTICO PODER E POLÍTICA DA COLEÇÃO MODERNA PLUS (2020)

Lidia Noemia Silva dos Santos<sup>1</sup>  
Antonio Jeovane Sousa Saraiva<sup>2</sup>  
Maria Dariana de Lima Bessa<sup>3</sup>  
Victor Gustavo Pereira da Silva<sup>4</sup>  
Jane Erica Gomes da Costa<sup>5</sup>  
Antônio Jacó de Oliveira Neto<sup>6</sup>

*“To make them exist, live and be”: the representation of women in textbooks Poder e Política from the Moderna Plus collection (2020)*

### Resumo:

A presente pesquisa objetiva discutir a representação das mulheres no livro didático *Poder e Política* (2020), da coleção *Moderna Plus* para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no contexto de implantação do Novo Ensino Médio. A pesquisa surgiu das experiências vivenciadas no subprojeto de História do Programa Institucional de Residência Pedagógica, da FECLESC/UECE, no núcleo que atua na EEMTI Governador César Cals de Oliveira Filho, localizada em Quixadá-CE. O texto é resultado de uma análise bibliográfica e documental no campo do ensino de história, da literatura didática e das relações de gênero na educação. O diálogo se dá, principalmente, com Scott (1995), Fonseca (2003), Perrot (2005), Choppin (2004), Bittencourt (2004) e Silva (2012). A reflexão é relevante pela necessidade de incorporar a história das mulheres e de outros grupos minorizados na literatura didática.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Livro Didático. História das Mulheres.

### Abstract:

*The article discusses the representation of women in the textbook Poder e Política (2020) from the Moderna Plus collection for Applied Human and Social Sciences, proposed by the Base Nacional Comum Curricular, during the implementing the New High School. The research is the result of the History subproject of Programa Institucional de Residência Pedagógica, of FECLESC/UECE, at the EEMTI Governador César Cals de Oliveira Filho school, located in Quixadá city. The result is a bibliographic and documentary analysis in the field of history teaching, didactic literature and gender relations in education. The theoretical dialogue is with the authors Scott (1995), Fonseca (2003), Perrot (2005), Choppin (2004), Bittencourt (2004) and Silva (2012). Reflection is relevant to incorporating the history of women and other excluded groups into textbooks.*

**Keywords:** Teaching History. Textbook. Women's History.

1. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora adjunta no curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC/UECE). Coordenadora do subprojeto História do Programa Institucional de Residência Pedagógica. Email: lidia.noemia@uece.br, Orcid: 0009-0000-5170-6335.
2. Mestre em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor da Rede Estadual do Ceará. Preceptor do subprojeto História do Programa Institucional de Residência Pedagógica. Email: antonio.jeovanne@convenio.uece.br, Orcid: 0000-0002-2577-4323
3. Graduanda em História na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica. E-mail: dariana.bessa@aluno.uece.br, Orcid: 0009-0000-0706-7564.
4. Graduando em História na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica. E-mail: valeriovictor.silva@aluno.uece.br, Orcid: 0009-0004-0215-4983.
5. Graduanda em História na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica. E-mail: jane.gomes@aluno.uece.br, Orcid: 0009-0007-0028-628X.
6. Graduando em História na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica. antonio.jaco@aluno.uece.br, Orcid: 0009-0008-3032-9559.

## 1. INTRODUÇÃO

As mulheres tiveram suas histórias negadas durante um vasto período da produção historiográfica. A História pertencia aos homens e apenas seus feitos militares, políticos, científicos e culturais eram narrados até poucas décadas. Acerca disso, Del Priore (2014, p. 217) reforça que: "Sobre este solo da história, as mulheres, de forma precária, tornaram-se herdeiras de um presente sem passado, de um passado decomposto, disperso, confuso". O desafio de contar a história das mulheres vem sendo cada vez mais enfrentado e muitas lacunas estão sendo preenchidas.

Segundo Michelle Perrot (2005), parte da dificuldade se deve ao silenciamento dos arquivos acerca das mulheres. As abordagens historiográficas até a segunda metade do século XX valorizaram o espaço público, a esfera política e econômica, que foram privilégio dos homens por muitos séculos. As mulheres, sobretudo as mais abastadas e letradas, habitavam os espaços privados e seus registros são encontrados nas correspondências íntimas, nos diários e na literatura (PERROT, 2005). A escritora Virginia Woolf, em seu ensaio *Um teto todo seu* (1929), relata a sua descida furiosa da escada da biblioteca de Oxford, quando foi proibida de ter acesso aos livros por ser mulher. Esse e tantos outros casos evidenciam o lugar de inferioridade e dominação imposto às mulheres e que, em alguma medida, perdura mesmo após tantas lutas e conquistas feministas.

Se as mulheres abastadas, letradas e detentoras de poder foram apagadas da História, o que dizer, então, das mulheres pobres, indígenas e negras?

A partir da década de 1960, com os avanços do movimento feminista, com a presença das mulheres na universidade e com a ampliação das fontes, dos objetos e dos sujeitos nas investigações sobre o passado, a produção historiográfica passou a desconstruir narrativas em que os homens eram os protagonistas absolutos da História e a desmistificar a dominação masculina e a inferioridade feminina. Foi nesse contexto que a história das mulheres surgiu "para fazê-las existir, viver e ser" (DEL PRIORE, 2014, p. 235).

Apesar da história das mulheres e dos estudos das

relações de gênero terem se legitimado como campos de investigação, a produção historiográfica ainda é um espaço de lutas, de resistências, de conquistas e de silenciamentos sobre/para as mulheres.

Diante desse cenário, a educação formal e a escola cumprem um papel fundamental tanto para reforçar narrativas consolidadas quanto para desconstruí-las. Moreno (1999) afirma a necessidade de uma mudança profunda nos padrões impostos do que é "ser mulher" e do que é "ser homem", e a importância da escola nesse processo é crucial. As mulheres ainda são alvo de discriminação, violência e padrões de comportamento mais rigorosos e restritos em relação aos homens. Para crianças e adolescentes, "os ensinamentos que lhes são transmitidos estão dizendo o mesmo às meninas e aos meninos?" (MORENO, 1999, p. 35). O conteúdo dos livros didáticos de História favorece a naturalização da dominação feminina e a imposição de papéis sociais hierarquizados para mulheres e homens? É sempre importante questionar.

Segundo Giovannetti e Sales (2020), a história das mulheres é silenciada na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC/EM), uma vez que a diretriz reforça o papel delas como coadjuvantes dos processos históricos e exclui as questões de gênero. Essa exclusão é perceptível também no Plano Nacional de Educação (PNE), do período de 2014 a 2024.

Este artigo, portanto, oferece uma breve análise sobre a representação (ou não) das mulheres na narrativa histórica de um dos livros didáticos da coleção *Moderna Plus*, contemplado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), em 2021, e adotado para as turmas do Segundo Ano da escola de Tempo Integral Governador César Cals de Oliveira Filho, localizada em Quixadá-CE.

O título analisado é *Moderna Plus – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Poder e Política* (vol. 4), que junto com *Moderna Plus – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Natureza em Transformação* (vol. 1), publicados em 2020 pela Editora Moderna e assinados por 23 autores<sup>7</sup>, nortearam as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia na Escola César Cals. A coleção conta com um total de seis volumes<sup>8</sup> e sua distribuição entre os anos foi decidida pelos professores da escola.

7. Os autores são: Afrânio Silva, Bruno Loureiro, Cassia Miranda, Fátima Ferreira, Lier Pires Ferreira, Lygia Terra, Marcela M. Serrano, Marcelo Araújo, Marcelo Costa, Maria Lúcia de Arruda Aranha, Martha Nogueira, Myriam Becho Mota, Otair Fernandes de Oliveira, Patricia Ramos Braick, Paula Menezes, Raphael M. C. Corrêa, Raul Borges Guimarães, Regina Araújo, Rodrigo Pain, Rogério Lima, Tatiana Bukowitz, Thiago Esteves, Vinicius Mayo Pires.

8. Os demais são *Globalização, emancipação e cidadania* (vol.2), *Trabalho, Ciência e Tecnologia* (vol.3), *Sociedade Política e Cultura* (vol.5), *Conflitos e desigualdades* (vol. 6).

Essa reflexão parte das impressões dos estagiários que compõem um dos núcleos do subprojeto de História, vinculado ao Programa Institucional de Residência Pedagógica da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE). As experiências de formação docente foram vivenciadas em turmas do segundo ano da escola EEMTI Governador César Cals de Oliveira Filho, localizada em Quixadá, no contexto de implantação do Novo Ensino Médio.

Os livros da coleção *Moderna Plus* causaram estranhamento, uma vez que os residentes não conheciam a proposta pedagógica interdisciplinar, pois quando eram estudantes do Ensino Médio tinham livros distintos para cada uma das disciplinas. O descontamento ocorreu tanto pela organização dos títulos, que não indicam com clareza quais conteúdos se referem a cada uma das disciplinas, quanto ao número reduzido de páginas (em média 160), que, por sua vez, implicam em textos bem resumidos sobre cada um dos temas, períodos ou eventos abordados. Por iniciativa dos próprios professores, os capítulos foram divididos entre as quatro disciplinas, a partir de um critério de suposta predominância de temáticas e conteúdo. Logo, nas aulas de História, por exemplo, apenas alguns capítulos dos livros foram abordados. A escolha reflete também o recorte documental desta pesquisa, não havendo, portanto, pretensão de oferecer uma avaliação mais ampla sobre a obra, mas de apenas dois capítulos selecionados.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Ensino de História e Livros Didáticos

Em busca do desenvolvimento dos nossos objetivos, é essencial o diálogo com diversos estudos e teóricos. Assim, reunimos algumas discussões em torno do ensino de história, do livro didático e da história das mulheres e das relações de gênero no ambiente escolar.

Em concordância com Fonseca (2003), compreendemos que os professores de História precisam transformar os conteúdos em um saber ensinável, de modo que os alunos compreendam e assimilem o conhecimento histórico não só para sua formação educacional, como também para o exercício da cidadania.

É nesse sentido que Santos (2021) acrescenta que a

educação é para ser entendida como um instrumento contra o poder dominante, e que devem ser adotadas práticas pedagógicas que orientem para uma educação emancipadora e democrática. Bittencourt (2018) destaca que as mudanças no Ensino de História, principalmente nos debates mais recentes, exigem a multiplicidade de sujeitos nos processos históricos e necessita se afastar do eurocentrismo e dos discursos colonizados. Entretanto, ainda é um desafio romper com estruturas curriculares que excluem ou minorizam indígenas, africanos e outros grupos, como as mulheres, possibilitando uma formação educacional que questione as desigualdades e se volte para a transformação da sociedade.

Para Bittencourt (2004), o livro didático é um objeto de múltiplas facetas e muito complexo. Um produto de mercado, resultado da intervenção de diversos sujeitos em sua produção, circulação e consumo, que "possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado" (BITTENCOURT, 2004, p. 301)

Ao se referir a essa complexidade, Silva (2012) acentua que o livro didático é um objeto marcado por distintas perspectivas "teóricas, editoriais, pedagógicas, mercadológicas, políticas e ideológicas" (SILVA, 2012, p. 566). Neste sentido, Coelho (2005) também ressalta a necessidade compreendê-lo como um produto da ação de diferentes agentes sociais e que por isso "sofre alterações específicas advindas de sua própria materialidade e do seu lugar de produção, para além daqueles elementos ligados aos imperativos didáticos" (COELHO, 2005, p. 242).

Para Choppin (2004), dependendo do contexto e das formas de sua utilização, o livro didático pode assumir diferentes funções, isto é, como suporte de conteúdos educativos (função referencial), como proposição de métodos de aprendizagem (função instrumental), como vetor de transmissão da ideologia das classes dominantes (função ideológica e cultural) e/ou oferecendo um conjunto de documentos que podem desenvolver o pensamento crítico dos alunos (função documental).

No Brasil, nas últimas décadas, devido à implementação e ampliação das políticas públicas, o livro didático é o material mais importante do processo de ensino e aprendizagem na educação básica. No entanto, esse recurso não é o único a constituir o cotidiano escolar.

Conforme Choppin (2004) "a coexistência no interior do universo escolar de instrumentos de ensino-aprendizagem que estabelecem com o livro relações de concorrência ou de complementaridade influi necessariamente em suas funções e usos" (CHOPPIN, 2004, p. 553).

Isso posto, vale considerar que no desenvolvimento das práticas pedagógicas os professores têm a liberdade de utilizar diferentes recursos didáticos que estejam à sua disposição. Apesar das pesquisas constatarem que o livro didático é um dos principais instrumentos utilizados por professores de História, isso não significa afirmar que ele é ou que deve ser o único recurso pedagógico. Essa questão aponta para os cuidados na utilização do livro didático, compreendendo-o numa perspectiva crítica como um apoio pedagógico e não como um instrumento detentor de uma verdade inquestionável (SILVA, 2012).

Outra problemática relacionada ao livro didático no processo de ensino e aprendizagem em História diz respeito à concepção dos professores sobre esse material, especialmente direcionando críticas sobre a qualidade do material por suas escolhas temáticas, imagens, atividades, dentre outros aspectos. Conforme Bittencourt (2004), as opiniões são divergentes e complexas, pois há professores que o consideram como um recurso imprescindível para suas aulas, assim como existem aqueles que abominam o livro didático e o culpam pelo fracasso escolar.

Fonseca (2003), por sua vez, destaca que é difícil abolir o livro das aulas de História, tendo em vista a dificuldade de conduzir o processo de ensino da disciplina sem o texto escrito. A autora enfatiza a necessidade de repensar e problematizar os usos do material ao invés de excluí-lo. Tal visão corrobora com a perspectiva de Oliveira e Stamatto (2007), uma vez que afirmam que o livro ideal não existe, é apenas uma utopia, e acrescentam que sempre haverá divergências sobre formatos, temáticas, abordagens e projetos pedagógicos mais adequados.

Deste modo, tendo a clareza das potencialidades e dos limites, cabe aos professores analisar e problematizar o livro didático, assim como definir o melhor uso no ensino da História.

## 2.2 Mulheres, Gênero e Ensino de História

Para Joan Scott (1995) gênero deve ser entendido como um saber sobre as diferenças sexuais e sua relação inseparável entre saber e poder. No ensino de História, portanto, é preciso "examinar gênero concretamente, contextualmente e de considerá-lo um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo" (SCOTT, 1995, p. 19).

É necessário historicizar as relações de gênero, pois não se trata apenas do registro do que ocorreu com homens e mulheres e de que forma eles reagiram aos acontecimentos, mas de compreender as significações subjetivas e coletivas ligadas a ambos os gêneros, e como foram ganhando ou perdendo sentido ao longo do tempo. As questões de gênero no ensino de História possibilitam aos alunos compreender não só as experiências culturais de mulheres e de homens ao longo dos séculos, como propiciam uma formação mais crítica, que respeita e valoriza as diferenças e as diversidades de gênero.

## 3. METODOLOGIA

Com o intuito de compreender as representações das mulheres em dois livros didáticos da coleção *Moderna Plus* da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, amparamos este estudo na perspectiva de uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório. Esse tipo de abordagem permite "uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo" (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.49). Quanto aos objetivos e aos procedimentos, esta pesquisa se caracteriza como sendo de cunho bibliográfico. Portanto, inicialmente, foi feita uma leitura geral do livro *Moderna Plus*, depois a seleção de partes da obra que possibilitam discutir o problema de pesquisa. Alguns autores, que discutem questões relacionadas a educação, ensino de história e gênero, municiaram a análise da obra, compartilhada nesse texto. (DA SILVA; OLIVEIRA e SILVA, 2021, p. 101-103)

O objeto de análise é o volume 4 da coleção *Moderna Plus – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Poder e Política*. O livro foi trabalhado pelo preceptor e por seus bolsistas<sup>9</sup> durante o Programa Institucional de Residência Pedagógica, nas aulas de história das turmas

g. A coordenadora do subprojeto, o preceptor e os bolsistas assinam este texto.

de segundo ano, no decorrer do ano letivo de 2023, e apresenta a análise de dois capítulos nos quais se observou a presença das mulheres na narrativa histórica, considerando o texto principal e os complementares, imagens e documentos.

## 4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 As mulheres nas Monarquias Absolutistas e na Revolução Francesa

O capítulo 3 do volume *Moderna Plus - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - Poder e Política*, tem como título "Estados Modernos: das monarquias absolutistas ao Império Napoleônico", e propõe estudar as "características de monarquias e repúblicas de países europeus, [...] a formação dos primeiros Estados modernos e os absolutismos monárquicos." (MODERNA PLUS, 2020, p.58). Além das "condições políticas e sociais que culminaram na Revolução Francesa e os desafios e contradições do processo que possibilitaram a ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder." (MODERNA PLUS, 2020, p.58)

O texto do capítulo elenca e discorre sobre eventos clássicos desse período da história europeia e a explicação para a formação dos estados não difere muito do que já é conhecido, ou seja, o fortalecimento dos poderes reais foi resultado da decadência da nobreza feudal e da ascensão da burguesia.

Na página de abertura do capítulo, no canto da página, há uma foto da rainha Elizabeth, até o ano da publicação ainda viva, representando um elo entre as monarquias absolutistas e o mundo contemporâneo (MODERNA PLUS, 2020, p. 58).

Outra figura feminina destacada poucas páginas abaixo é a da atriz Milla Jovovich, quando interpretou Joana D'arc no filme que leva o nome da personagem, lançado em 1999 (MODERNA PLUS, 2020, p.61). Curioso que o nome da atriz não é citado na legenda, mas o do diretor, Luc Besson, sim.

Vale também mencionar que diversos reis de diversas nações (Portugal, Espanha, França e Inglaterra) são

nominalmente citados e, em alguns casos, seus feitos ou brevíssimas descrições dos seus reinados são apresentadas, mas não há qualquer menção a Elizabeth I, regente da Inglaterra e Irlanda de 1558 a 1603, e seu longo reinado<sup>10</sup>.

No que se refere às imagens, predominam fotos, pinturas e charges. Cabe salientar que as imagens que se relacionam diretamente com o poder real, retratam personagens masculinos<sup>11</sup>.

Durante as aulas, entretanto, a partir da análise do livro os residentes problematizaram o protagonismo dos reis na narrativa histórica e a ausência das rainhas, mesmo que estas tivessem o mesmo título e poder. Essa foi uma maneira encontrada para complementar as informações do livro e promover um debate sobre o papel invisibilizado das mulheres na política, assim como o número ainda hoje reduzido de mulheres como chefes de estado.

Quando o capítulo aborda a Revolução Francesa (1789-1799), um tópico foi dedicado exclusivamente para tratar da participação feminina, intitulado *Mulheres na Revolução* (MODERNA PLUS, 2020, p. 69). A discussão aparece após outros tópicos que destacam a atualidade dos ideais revolucionários, a crise do Antigo Regime, a formação da Assembleia Nacional Constituinte e a Queda da Bastilha.

Na narrativa geral, o protagonista da ação revolucionária é coletivo, definido como "população parisiense", sem menção a líderes. Logo, fica implícito a participação das mulheres. O tópico *Mulheres na Revolução* não busca, entretanto, atenuar uma possível ausência dessas mulheres, mas, ao contrário, enfatizar quão importante foi a participação feminina para o êxito da revolução. Não se trata, portanto, de um box complementar em que geralmente as mulheres aparecem como uma excentricidade ou curiosidade dentro de um tema apresentado.

O texto do tópico dimensiona com mais precisão o grande número de mulheres que foi às ruas, mulheres que pegaram em armas e participaram de eventos emblemáticos, como a queda da Bastilha. Um exemplo interessante a ser citado é a descrição da participação de

10. Além de Elizabeth II, a outra regente mulher nominalmente citada é a Rainha Vitória, mas somente para contextualizar um documento. (MODERNA PLUS, 2020, p. 58)

11. A exceção é uma pequena charge (2001) do cartunista Baloo, no canto superior da página, que ironiza a assinatura da Magna Carta (1215) pelo rei da Inglaterra João I, documento que restringia seus poderes. Na imagem ele e a rainha Isabel estão com os braços estendidos e as mãos aprisionadas por correntes a uma parede. O rei foi citado nominalmente no texto principal, mas o nome da rainha não aparece no texto ou na legenda da gravura. (MODERNA PLUS, 2020, p. 62)

mais de sete mil mulheres na *Marcha sobre Versalhes* (1795), para "protestar contra o preço alto do pão e a escassez de alimentos, e também para pressionar a família real a retornar à capital." (MODERNA PLUS, 2020, p. 69). Se a narrativa terminasse nessa informação, seria possível, inclusive, questionar se mesmo quando protagonistas, as motivações femininas eram limitadas a questões domésticas. Mas não é o caso, pois na sequência, no parágrafo seguinte, é dito que as "[...] mulheres invadiram o palácio real e interromperam uma sessão da Assembleia Constituinte. Diante da pressão, a família real voltou a Paris escoltada pela Guarda Nacional." (MODERNA PLUS, 2020, p. 69). Também foi ressaltado no livro que além da defesa dos ideais da revolução, "as francesas reivindicaram igualdade de direitos entre homens e mulheres, pois elas não eram consideradas cidadãs, não podiam exercer cargos públicos nem votar ou ser votadas para o Parlamento." (MODERNA PLUS, 2020, p. 69)

Por fim, o texto apresenta a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* (MODERNA PLUS, 2020, p. 69), de autoria da abolicionista francesa Olympe de Gouge, pseudônimo de Marie Gouze, de 1791, em resposta a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* (1789) (MODERNA PLUS, 2020, p. 69), que excluiu as mulheres e outros grupos de direitos humanos, sociais e políticos. O confronto dos dois textos é muito relevante para se questionar as tensões da época e as contradições da revolução.

Um box complementar, intitulado *O debate político na França revolucionária*, apresenta trechos da obra *Virtuosas e Perigosas: as mulheres na Revolução Francesa* (2013) da historiadora Tania Morin para problematizar a liberdade de imprensa (MODERNA PLUS, 2020, p. 71), o material é valioso para a discussões em sala de aula, pois além de permitir ao estudante o contato com uma obra acadêmica, vem acompanhado de um quadro de perguntas que auxiliam a leitura dos trechos da obra e instigam a uma reflexão sobre o impacto das notícias difundidas pela internet nas campanhas eleitorais, trazendo a questão para o presente.

No capítulo 4, intitulado *Revoluções liberais e teorias políticas do século XIX*, cujo objetivo, segundo a apresentação, é o de compreender os movimentos sociais liderados por operários, estudantes e socialistas que reivindicavam melhorias na educação, condição de trabalho, salário e participação política na Europa ao longo do século XIX (MODERNA PLUS, 2020, p. 82). Os

movimentos de mulheres não ganharam destaque, mas o capítulo dedica duas páginas inteiras para tratar da *"Luta das mulheres do Século XIX"* (MODERNA PLUS, 2020, p. 97).

Vale esclarecer que o capítulo tem 23 páginas e é bastante ilustrado, assim como todo o livro. Além disso, discorre sobre uma enorme quantidade de temas e eventos históricos como: A Europa e o Congresso de Viena; o Liberalismo, o Romantismo; Primavera dos Povos; Segunda República Francesa; Nacionalismo; Unificação italiana e alemã; Guerra franco-prussiana; ideias e correntes socialistas; Anarquismo; Movimentos operários; e formação da Associação Internacional dos Trabalhadores e Comuna de Paris.

A junção de tantos temas, todos permeados por textos, imagens e algumas atividades, deixam as informações bem limitadas e, por vezes, as explicações parecem um tanto incompletas. Pontuamos que essa é uma característica de toda a obra.

O tópico *A luta das mulheres no século XIX* reforça um equívoco muito comum na literatura didática já mencionado: o de setorizar e apartar as mulheres da narrativa central. Nesse caso, e diferentemente do capítulo anterior, a leitura favorece uma compreensão de que as reivindicações das mulheres eram paralelas a outros movimentos existentes. Nos demais temas e eventos tratados (citados acima), nenhuma liderança feminina é mencionada (enquanto inúmeros líderes homens são) ou quando se busca explicar as teorias políticas (em que só filósofos homens são citados), como no caso do liberalismo, marxismo ou anarquismo, questões de gênero não são abordadas, mesmo que elas existam.

As únicas mulheres nominalmente citadas no capítulo são Mary Wollstonecraft, Flora Tristan e George Sand (pseudônimo de Aurore Dupin) e justamente no tópico dedicado exclusivamente às mulheres, reforçando uma percepção de ação paralela ou de menor importância (MODERNA PLUS, 2020, p. 69).

*A luta das mulheres no século XIX*, em resumo, destaca que "a maioria das mulheres ainda ocupava papel secundário na sociedade capitalista. Ricas ou pobres, elas eram consideradas seres que deveriam ser mantidos sob a tutela dos homens e muitas delas também sofriam violência doméstica." (MODERNA PLUS, 2020, p. 97). Enquanto as pobres precisavam enfrentar

um mercado de trabalho restrito e discriminatório, duplicando sua jornada com as obrigações domésticas, as ricas eram encaminhadas muito jovens para casamentos aprisionadores, em que sua liberdade de ir e vir era limitada e suas vidas cerceadas pelo marido e pela moral religiosa cristã. (MODERNA PLUS, 2020, p. 97) Logo, diferentes mulheres, principalmente na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, se organizaram para reivindicar o "direito a uma educação de boa qualidade [...], o direito ao voto feminino e a legalização do divórcio". (MODERNA PLUS, 2020, p. 98) Apesar das perseguições sofridas pelas ativistas, inclusive com prisão e morte, foram elas as pioneiras do feminismo que se fortaleceu no século XX.

Para o trabalho em sala de aula, os residentes sugeriram a exibição do filme *As Sufragistas (Sufragette)*, estreado em 2015. O enredo retrata militantes da primeira onda feminista que reivindicavam o direito ao voto, enquanto fugiam da repressão da polícia e do governo inglês, no início do século XX. A proposta da atividade era a de enfatizar a condição de dominação imposta às mulheres e sua luta por emancipação e direitos, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o movimento feminista e instigar a reflexão.

É necessário dizer que o próprio livro aponta para a necessidade de buscar mais conhecimento acerca das mulheres e sugere a visita ao site *Mulheres 500 anos atrás*<sup>12</sup>. No final do texto, em um box colorido, é proposta uma atividade de pesquisa em grupo, para reunir textos acadêmicos sobre um tema previamente escolhido. Os resultados deveriam ser reunidos em um relatório escrito e compartilhado com o restante da turma. A atividade em questão foi considerada muito complexa, mesmo sob a orientação do professor da disciplina.

A exibição do filme, por sua vez, foi orientada e os estudantes foram instigados a observar o vestuário das mulheres, os lugares nos quais trabalhavam, seu papel na família, as relações entre as mulheres e os homens, as estratégias de luta e os obstáculos a serem superados, pois depois da exibição tais questões seriam debatidas em grupo. A atividade foi bem recebida pela turma e gerou bastante participação, sendo considerada satisfatória.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas ao longo deste artigo versam sobre a representação das mulheres em dois capítulos no livro didático *Moderna Plus - Ciências Humana e Sociais Aplicadas - Poder e Política*, adotado nas turmas de segundo ano na EEMTI Governador César Cals de Oliveira Filho, que serviu de material de apoio para a regência de residentes nas aulas de História, durante o ano de 2023.

Considerando que o material didático do Novo Ensino Médio é elaborado por área do conhecimento, existe notável redução de temas e abordagens de História quando comparados aos livros anteriores à BNCC e à reforma, que eram voltados apenas para a disciplina.

De todo modo, observou-se potencialidades e limites no material, especificamente nas discussões em torno da História das mulheres. Observamos que em certos momentos e espaços do livro didático as questões de gênero e das experiências femininas são apresentadas e problematizadas, e em outros são muito sucintas e apartadas da narrativa principal.

Nos dois capítulos investigados, *Estados Modernos: das monarquias absolutistas ao Império Napoleônico* (3) e *Revoluções liberais e teorias políticas do século XIX* (4) trazem tópicos específicos para tratar de questões femininas, mas o texto central e as escolhas iconográficas ainda reforçam o protagonismo dos homens, silenciando as personagens e os movimentos femininos que poderiam ser destacados.

Por outro lado, em cada um dos capítulos um tópico tratou de questões do feminino (movimentos por direitos civis) ou evidenciou personagens femininas muito lembradas, como a santa Joana D'arc, ou ainda esquecidas pela literatura didática, como a pensadora Olympe de Gouges e sua *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* (1791).

Os residentes, na função de docentes, apoiados pelo preceptor e pela coordenadora do programa, buscaram potencializar as discussões do livro, analisando sua própria narrativa e complementando seus conteúdos com outras fontes e materiais bibliográficos.

12. Integrando o Programa Pesquisa e Documentação da Rede de Desenvolvimento Humano, o portal apresenta um acervo sobre a história das mulheres e da luta feminina no Brasil ao longo do tempo. Idem, p.97. Ver: <http://www.mulher500.org.br/>.

A História das mulheres e as questões de gênero reconhecidas como muito importantes para uma formação educacional mais plural e potencialmente transformadora foram recorrentemente discutidas, tanto a partir da ausência quanto da presença no livro adotado, haja vista que, conforme ensinado por Circe Bittencourt, não existe livro ruim se o professor estiver bem-preparado para utilizá-lo.

## REFERÊNCIAS

---

BARRETO, Andréia.; ARAÚJO, Leila.; PEREIRA, Maria Elisabeth (Org.). **Gênero e Diversidade na Escola Formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais - livro de conteúdo**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, *[s.l.]*, v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152562>. Acesso em: 22 dez. 2023.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BURNS, Edward Mcnall. **História da Civilização Ocidental**. 21. ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1977.

COELHO, Aracy Rodrigues. Escolarização: uma perspectiva de análise dos livros didáticos da história". *In*: ARIAS Neto, José Miguel (Org.). **Dez Anos de Pesquisas em Ensino de História**. Londrina: AtritoArt, 2005.

CHAVES, Edilson Aparecido. **A presença do livro didático de história em aulas do Ensino Médio: estudo etnográfico em uma escola do campo**. 2015. Tese. (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566. set./dez. 2004.

DA SILVA, Maria Michele; SARAMAGO DE OLIVEIRA, Guilherme; OLIVEIRA DA SILVA, Glênio. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NOS ESTUDOS CIENTÍFICOS DE NATUREZA QUALITATIVOS. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 91-103, 25 dez. 2021.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. *In*: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. São Paulo: Papirus, 2003.



GIOVANETTI, Carolina.; SALES, Shirez Rezende. Histórias das mulheres na BNCC do Ensino Médio: o silêncio que persiste. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [s.l.], v. 14, n. 27, p. 251-277, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/rehrv14i27.12182>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MODERNA PLUS. **Poder e Política**: manual do professor. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

MORIN, Tânia Maria. **Práticas e representações das mulheres na Revolução Francesa - 1789-1795**. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.). **O Livro Didático de História**: políticas educacionais, pesquisas e ensino. Natal: EDUFRN, 2007.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PINSKY, Jaime.; PINSKY, Carla Bassanenzi. O que e como ensinar: por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

SANTOS, Vilmar Aires dos. Formação docente em história: o programa de residência pedagógica e a imersão na educação básica. **Epistemologia e Práxis Educativa** - EPEduc, [s.l.], v. 4, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SCHMIDT, Joseane de Freitas. As Mulheres na Revolução Francesa. **Revista Thema**, Pelotas, v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/147>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SILVA, Isaide Bandeira da. O livro didático de história: escolhas, usos e percepções de professores e alunos no cotidiano escolar. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 26, n. 52, p. 565-597, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/8033>. Acesso em: 15 dez. 2023.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher** Trad. Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.